

AS PREMONIÇÕES DE ROSA

No sertão não era costume encontrar cartomante, quiromante ou qualquer outro tipo de vidente. Há vez por outra rezadeiras, que curam erisipela e asma, mas isto é ofício de outra ordem. Adivinhos lá não existem, até porque não teriam o que dizer de bom e adivinho que só vê desgraça não tem freguesia. Morre sem cliente. São os bons agouros que trazem os consulentes. Se uma vizinha foi a uma cartomante e esta disse que ela vai viajar de navio, a outra pede o endereço para se consultar também. E já vai com uma lista de desejos e pedidos à espera da confirmação da bola de cristal ou das cartas. Agora sertão é lá lugar de boa notícia? O que se vê é urubu a toda hora como sinal de morte, de seca, de ruína.

Mas, como o mundo está aí para ser contrariado, deu-se que num canto dos sertões, quase esquina da Bahia, instalou-se um sujeito de nome Rosa, sobrenome, melhor que se diga para evitar mal-entendidos. Aparência de bonachão, de profissão indefinida, idade para lá de quarenta, que gostava de pitar e prostrar nas mesas dos botequins. Era mais de prosa do que de bebida. Jamais se embebedava, até porque falava tanto que não tinha tempo de levar o copo à boca. A aguardente era só um pretexto para que outros se sentassem a sua mesa e iniciasse seus casos. Apreciava, sim, a platéia e nem se importava se fosse de pouca instrução, desde que não o interrompessem nem duvidassem de tanta história torta. Este era o Rosa.

Com o tempo, vinha gente de tudo que é canto para ouvir suas narrativas longas. Umas só acabavam dali a dias. Ele se sentava à mesa do canto e dizia “Dando prosseguimento...”, como se os ouvintes fossem os mesmos de antes, de ontem, de anteontem. Não importava. Continuava a história de onde tinha parado, às vezes, com a ajuda do dono do bar, que sempre recebia mais fregueses, quando ele ia para o seu bar. Sem prévia combinação, Osório passou a desempenhar o papel de ponto de Rosa. No teatro de outras épocas, ponto era aquele sujeito que, escondido, soprava as falas dos atores, se eles as esquecessem. Se no teatro o ponto era um obscuro, que podia sair às ruas, sem ser reconhecido; ali dava-se diferente e Osório ganhou importância pela

sua função, pois sua presença era a garantia de que não se perderia o fio da meada daqueles insuspeitados casos.

Naquelas tardes e noites sem propósito, a cidade passou a ter ocupação: ouvir o mundo que se apresentava na voz mansa de Rosa. Uns apreciavam a sua memória e julgavam ser ele, apesar da aparência descuidada, homem de estudos e mistérios; outros desconfiavam de que ele criava tudo na hora e não saberia repetir aquele enredo dali a uma semana. Nunca se soube a quem dar razão; provavelmente às duas opiniões. Que a memória era louvável, isto era, mas não pareciam histórias lidas antes. Como ele também, pelo que foi verificado às escondidas, não tinha em casa livros nem manuscritos, concluía-se que ele não as escrevera primeiro. E até, se as tivesse feito, seria inverossímil alguém saber tanta frase de cor. Logo a nascente estava ali nele mesmo, na sua voz.

Gostava de ouvir, mas não de bajuladores, nem queria ser alvo de atenção, depois de terminada a narrativa. Que ninguém o interpelasse na rua com comentários sobre alguma história. Isto o desagradava e ele fugia do tema e do cidadão. Agora não, dizia. Mais tarde, vá ao bar. Agora estou ocupado. E seguia sozinho sabe-se lá para onde. Até que um dia veio a notícia de que Rosa fora visto em lugarejo próximo exercendo ofício de cartomante. Cartomante? Isto não é coisa de mulher? E são tudo vigaristas! Não acredito. Deve ser um tipo parecido com ele. O povo tem a mania de achar que todo forasteiro é a mesma pessoa. Boatos à parte, era o Rosa de fato. Só que não era cartomante, visto que ele não lia cartas. Não lia, antes escrevia. Creia você. Ele se sentava a uma mesinha de madeira velha e ficava escrevendo uns desenhos, coisa que parecia não ter sentido.

A princípio, pensaram que era homem doido, desvairado, ou vagabundo que, por falta de útil ocupação, passava a tarde desenhando formas inexistentes, figuras que não tinham semelhança na realidade. Quando alguém perguntava o que fazia, respondia: "São enigmas". E mais nada. Até que um sujeito resolveu lhe pedir um conselho, enquanto ele desenhava, supondo ser ele mestre em arte divinatória. Rosa não se fez de rogado e ofereceu-lhe meia hora de prosa sem intervalo. O homem entendeu o que entendeu e foi embora. Um mês depois voltou com a mulher e dois irmãos. Queria que o doutor desse umas palavrinhas para eles também, como se fosse uma consulta. Rosa achou graça

mas falou, já que falar nada custa. Os consultados espiavam perplexos os desenhos que não compreendiam e, aos poucos, foram espalhando que eram mágicos. As figuras substituíam as cartas e o vidro de cristal e ele via nos desenhos os fatos das vidas dos outros. Fazia adivinhações e dava orientações proveitosas. Além de tudo, não cobrava dinheiro nem favor. Aceitava de quando em quando um presentinho, como um coelho ou um doce feito em casa, para não parecer mal-educado.

A fama ainda não se excedia, quando recebeu ordem de prisão, por prática de charlatanismo e falso curandeirismo. Rosa foi levado por dois soldados até a cadeia e lá permaneceu para dar explicações. Na verdade, fora o prefeito o articulador da acusação, pois seu filho era médico e dono da única clínica da região. Com medo de perder seus clientes para Rosa, achou mais precavido afastá-lo da cidade. Deu-lhe o delegado, depois de três dias de detenção, ordem para sair da cidade e não voltar mais, senão seria preso de novo. E em caso de reincidência, haveria processo, gastos com advogado e, certamente, uma condenação. Para ser mais claro, o delegado admitiu que ele não era visto com bons olhos pelas autoridades locais e que fosse brincar de fazer desenhos em outro sítio, de preferência, bem distante. Rosa, que não era tolo, entendeu as palavras pouco amáveis e partiu.

No outro lugarejo, não desenhava, não dava opinião na vida alheia, só proseava continuamente. Parecia um rio falando na correnteza. Lá era admirado sem aborrecimentos. Embora não estivesse ali pela admiração de ninguém, nem pelo apreço ou afeto. Era mais forte do que ele: gostava de narrar, de contar histórias. Talvez para pensar que pudesse haver um mundo melhor, mais encantado. Uma espécie de fantasia que contrastava com o agreste. A língua que usava nem parecia a mesma dos compêndios e manuais de gramática.

Nem tudo o povo entendia, mas não fazia diferença. Achavam graça nas expressões e no dia seguinte as estavam repetindo em outros lugares. Quando na única escola do lugar, uma criança repetia uma palavra esdrúxula e dizia que aprendeu com o Seu Rosa, a professora anotava em seu caderninho e não dava repreensão.

Nesse tempo, deu-se que um viajante, sabendo do paradeiro de Rosa, veio à cidade à guisa de esclarecimentos. Embora tentasse disfarçar, o povo logo

percebeu que era um jagunço, um matador decerto, desses que usam facão, revólver e fuzil num mesmo defunto, para ter certeza do feito. Tinha uma fisionomia desagradável e palavras poucas e ásperas. Tiveram receio, mas indicaram o bar onde encontraria Rosa. Em lá chegando, dirigiu-se a ele, como se não houvesse mais ninguém ao redor. Ignorou a todos que, cabisbaixos, também fingiam não estar ali. Pediu a Rosa dois dedos de prosa, mas em particular, fora das vistas e ouvidos. Tentava ser educado, como lhe era possível, e disse que desse o preço da consulta que pagaria fosse o que fosse, sem regateios. Rosa respondeu que não tinha profissão de vidente, apenas desenhava enigmas e charadas no papel e falava o que vinha à cabeça. Que fossem para a mesa mais afastada do bar. Melhor, disse o jagunço. Pôs uma nota de valor alto no balcão e mandou o dono do bar dispensar a clientela por uma hora. O dinheiro no balcão e as armas à vista fizeram que fosse logo atendido. Sozinhos os dois no canto do bar, o viajante custou um pouco, até que desabafou.

Vinha de longe, mais do que supunha, recomendado por compadre, homem sério, de palavra, competente no tiro de toda distância. Queria conversa iluminada com um tal de Rosa, homem de vereda certa, de leitura escorreita, sem deslize. Queria a verdade, a verdade de lâmina afiada. Se fosse enganado, voltaria para dar cabo dele. Outra coisa: a conversação era sigilosa. Se alguém soubesse meia palavra dali, voltaria da mesma forma e com a mesma intenção. Ele pagava pela verdade e pelo segredo, que não traísse sua alma, posto que em situações normais ele não usava daquelas educações e era o diabo. Quer dizer, pior.

Rosa ouviu o discurso sem se abalar. Não tinha medo de grito nem de bala. Manteve a voz mansa, ao responder a ele que ficasse em paz, falaria sem medo do retorno. E se quisesse tirá-lo da vida, era só ir àquele bar, pois não tinha esconderijos. Dito isto, pôs-se a sua disposição.

O jagunço então gaguejou um pouco. Custou a pegar a prosa, como se fosse de pedra. Enfim veio de uma vez. Era matador, com história de muitos tiros e facadas. Trabalhara para muitos coronéis e por conta própria. No momento chefiava um bando, tudo a suas ordens. Praticava longe dali, mais alto no mapa do sertão. Acontece que um dia achou que estava gostando de um capanga seu. Mais que afeto, coisa diferente, olhar de homem para mulher.

E ele era matador, dos bons, macho sabido e respeitado. De repente esta sensação estanha por um igual. Ficou sem dormir. Queria explicação. Pensou que o outro cuidava da mesma forma, que lhe dava um carinho bruto, mas carinho. Como podia ser? Eles, dois matadores, machos sem concorrência e este sentimento de nuvens fechadas.

Rosa se riu um meio riso e pegou a folha de papel. Desenhava coisas simbólicas, difíceis para letrado, quanto mais para jagunço. O outro olhava com respeito. E se Rosa contasse para alguém aquela confissão? Não seria melhor matá-lo e afiançar segredo de túmulo. Mas, sabe-se lá por qual razão, nem alisou as armas. Esperava adivinhação atento. Rosa desenhava mais e mais. Depois ocorreu o veredicto. Vá em paz. Não tenha receio. Todos sabem que você é macho e de sua história. Ninguém vai pensar o diferente. E o que você quer de seu capanga é coisa boa, não é fraqueza, doença, ou mal de feitiço. Um gosta do outro. É de lei, é de eternidade. Não vai conseguir fugir. Não tenha medo. Ele também sente afeição. E não é coisa de homem fêmea. Vá em paz. Tem minha palavra e minha bênção. Você vai ter surpresa, quando encontrar seu capanga a sós. Surpresa boa. Agora guarde bem esta palavra, coisa de mágica. Quando se encontrar com ele, diga: “Diadorim”. Entendeu? Basta dizer: “Diadorim”.

Marcus Vinicius Quiroga